

O Essencial e Escasso Leite das Crianças

Até o final deste mês, o preço fixado para o litro de leite a nível de produtor é de Cr\$ 5,90, passando para Cr\$ 6,44 a partir de novembro. Para Alberto de Mello Franco, gerente de marketing da Cooperativa Central de Laticínios do Estado de São Paulo (Paulista), esta é "uma medida bastante inteligente por parte do governo, uma vez que o preço incentivará o produtor na época de abundância, levando a uma superprodução que garantirá o abastecimento na entressafra".

Durante a entressafra — que se estende de maio a setembro/outubro — o suprimento do produto realmente é deficiente e gera uma série de distorções no mercado. A melhor solução para o problema, no entanto, não parece estar numa superprodução em época de safra, dado que as condições de transporte e estocagem ainda são muito precárias. Corremos o risco, no caso, de novamente dar o leite aos porcos por incapacidade de absorção imediata da produção.

Como pondera o próprio Mello Franco, "a racionalização da criação de gado seria a solução mais adequada", desde que implicasse, supomos, na substituição das passagens em época de seca por uma alimentação que garantisse o nível de produção, entre outras medidas saneadoras da pecuária nacional.

Enquanto isso não é possível, uma vez que qualquer medida ligada à pecuária é a longo prazo, o consumidor continuará pagando pela necessidade de se alimentar. E custa caro. Para se ter uma idéia, o preço do litro de leite "in natura" subiu numa média de 35% nos últimos seis meses, nas principais ca-

pitais do país; chegando à absurda porcentagem de 88,5% em Belém do Pará (Fonte: IBGE).

Mas o preço do leite não importa, diz o gerente de marketing da Paulista, "o leite é um produto de consumo básico, cujo mercado não se retrai. Pode-se aumentar ainda mais o preço do litro de leite que mesmo as populações mais carentes continuarão consumindo-o". Resta saber se o nível de renda da população terá elasticidade para acompanhar a alta do custo de vida, especialmente no que se refere ao item alimentação (43,53% do orçamento familiar, segundo a Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas — FIEPE).

AS OPÇÕES SÃO POUCAS E INVIÁVEIS

As alternativas para o problema, além da reestruturação da pecuária, são poucas e quase sempre inviáveis. A última tentativa (feita nesta entressafra) foi a redução do

Liana John

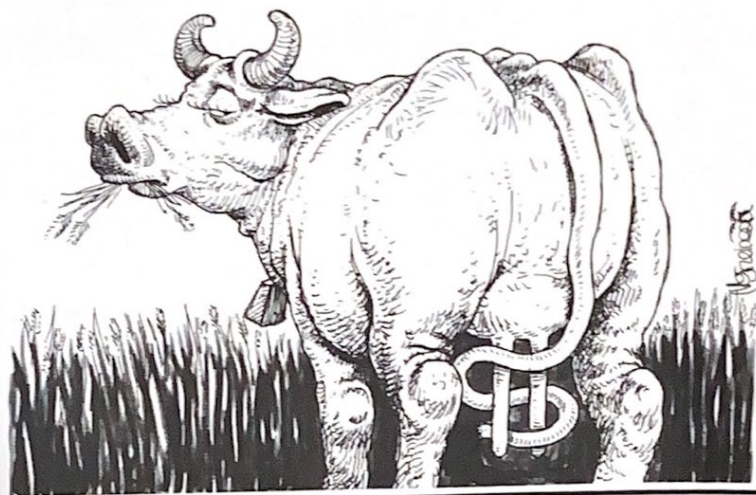
Informe Superhiper

teor de gordura de 3 para 2%. E acabou em lucros para as usinas de leite e polêmicas entre técnicos sobre a diminuição ou não do poder nutritivo do leite.

Antonio Camardelli, médico veterinário do setor de leite do Ministério da Agricultura, explica, por exemplo, que "os ácidos graxos não voláteis e não saturados, ou seja, a parte nutritiva do leite, estão presentes de 25 a 35% no litro de leite, pouco representando, portanto, a diminuição do teor de gordura em termos de valor alimentício". Já Carlos Kretzman, diretor-presidente da Companhia Riograndense de Laticínios e Correlatos, diz que "a quantidade de vitamina A e D diminui com o teor de gordura, apresentando problemas para as crianças, que demandam uma maior quantidade de vitaminas".

Para Antonio Marques Gonçalves, do Grupo de Informação Agrícola da Fundação Getúlio Vargas, o problema não é só a redução do valor nutritivo. "A redução do teor de gordura", diz, "aumentou a margem de lucro da indústria, que se beneficiou da diferença de gordura sem remunerar o produtor. Ou seja, mais uma solução paliativa, que apesar de dar uma folga momentânea, tem o inconveniente de comprometer o abastecimento futuro e reduzir a qualidade do leite".

Apresentado como um substituto do leite comum, o leite de soja também se mostra polêmico e até inviável economicamente. Até agora a única empresa que se interessou pela sua industrialização foi a Construtora Moraes Dantas, de São Paulo, que assinou convênio com o ITAL — Instituto de Tecnologia de Alimentos, para recebimento do know how desenvolvido por este instituto. Em escala industrial o produto vem sendo produzido pela Olnebra, no Rio Grande do Sul.



O ITAL vinha produzindo leite de soja em escala reduzida desde 1977, quando o produto foi aprovado por seus técnicos. Cerca de 5 mil litros diários chegaram a ser comercializados em caráter experimental. Mas, apesar de os resultados terem sido considerados excelentes, nenhuma empresa alimentícia havia se interessado pelo projeto.

As razões para este desinteresse são muito simples, afirma Alberto de Mello Franco. "Só existem dois tipos de consumidor de leite de soja", diz, "aquele que consome o produto compulsoriamente, ou seja, as crianças que recebem merenda escolar nas escolas públicas e que, portanto, não discutem a qualidade e sabor do leite de soja; e aquele que tem a opção de escolher entre o comum e o de soja. Estes últimos, acredito, nunca consumirão o leite de soja porque o gosto é terrível. Todas as companhias que tentaram entrar no mercado com este produto se deram mal. A única opção seria a aromatização artificial, mas ainda assim, teríamos que considerar a comercialização do leite comum e de soja completamente independentes".

O VAI-E-DEM DO LEITE EM PÓ

Uma outra maneira de suprir o mercado durante a entressafra de

leite é estocando o produto na forma de pó. As indústrias de laticínios costumam utilizar-se do expediente de desidratar parte da sua produção de leite para armazenagem durante a época de abundância e posterior reidratação na entressafra, garantindo a sua participação no mercado.

Este expediente, no entanto, tem sido prejudicado pela escassez do produto "in natura", especialmente violenta este ano, prejudicando até a produção do leite em pó infantil. Há praticamente dois meses, por exemplo, a Nestlé e a Fleischman Royal não estão entregando o leite em pó aos supermercados do Rio e São Paulo.

O motivo alegado pelas empresas é a entressafra do produto, mas segundo técnicos em abastecimento, a causa da crise do leite em pó vai além da redução de oferta de leite comum. Eles afirmam que as empresas, no início do ano, exportaram seus estoques de reserva, não tendo agora o produto para garantir o reidratação (para a oferta de leite natural) e o fornecimento de leite em pó. De qualquer forma, todos garantem que a situação se regularizará a partir de novembro, quando reinicia a época das águas e da safra leiteira, e haverá produção para todos... até a próxima entressafra. ■